

**REFLEXÕES SOBRE UM MUSEU DE TERRITÓRIO**

**Hugues de Varine**

Consultor de desenvolvimento comunitário



Em primeiro lugar gostava de pedir desculpa pelo meu português. Mas acho que é melhor falar mal português do que um bom francês, neste país, nesta cidade. Vou tentar fazer uma intervenção rápida, apoiando-me numa apresentação com imagens e algumas palavras em português, de modo a facilitar a compreensão do meu tema. Tenho também de os felicitar da parte da minha região de origem, a Borgonha. Entre regiões de vinhos há uma solidariedade cultural, económica e social. Ontem vi uma região muito diferente da minha, mas, ao mesmo tempo, é semelhante, pois também tem uma forte presença da vinha e do vinho, o que me facilita a compreensão da vossa região.

No mês de Maio de 1972, na cidade de Santiago do Chile, num encontro organizado pela UNESCO e pelo ICOM, um grupo de doze museólogos da América Latina adoptou uma moção final criando um novo conceito, uma nova palavra: Museu Integral. Foi o resultado de uma revolução intelectual desses museólogos latino-americanos, que compreenderam a partir da apresentação de Jorge Henrique Hardoy, um homem extraordinário, que os museus tradicionais têm de mudar a sua atitude relativamente à sociedade.

Penso que 35 anos depois da reunião de Santiago, podemos observar aqui no Douro um projecto que tenta aplicar os princípios de Santiago. Há outros projectos, há outras acções a nível mundial que aplicam os princípios de Santiago de Museu Integral, mas acho que no Douro temos um exemplo, mais ou menos único, de um museu dedicado completamente ao desenvolvimento. Não é um museu dedicado a uma colecção, à arte, à antropologia, à etnologia, à arqueologia ou à história industrial, mas um museu dedicado ao desenvolvimento de um território, de uma região. É um projecto de museu que todos vocês têm de inventar. O Encontro de hoje é um dos passos para a invenção, a descoberta de um método, de um modelo original, de um modelo que se identifique com o vosso território.

Tentei encontrar algumas ideias para provocar uma reflexão em torno de um projecto completo para o Douro. São ideias resultantes da minha experiência como

observador de museus por todo o mundo, mas também de gente, de desenvolvimento, e como consultor de desenvolvimento local e comunitário.

Algumas ideias base: primeiro considero que num mundo de mercado, num mundo capitalista podemos dizer que o património é um capital, um capital do povo, um capital do território, um capital cultural (património é uma parte da cultura), um capital social porque pertence à comunidade, a toda a população, a todo o povo do território, e um capital económico, porque é importante para o turismo, mas também há outras valências importantes, como veremos.

Como capital, capital no sentido capitalista, no sentido de um capital para investir, um capital para obter uma mais-valia, é uma riqueza colectiva da comunidade. Um património individual, um património familiar, um património de cada um dos habitantes, dos cidadãos da região, faz parte de um património colectivo que pode contribuir para o desenvolvimento. Como é uma riqueza colectiva, é também uma responsabilidade colectiva, de todos, e de cada um de nós. Acho que é importante este conceito de responsabilidade. Faz com que um museu de território, um museu como o Museu do Douro, não seja uma criação artificial dos especialistas, mas uma criação colectiva com o apoio de especialistas, de instituições. Mas, basicamente, tem de ser uma criação colectiva de toda a gente que participa, que vai beneficiar do desenvolvimento da região.

Algumas ideias sobre o desenvolvimento local para facilitar a compreensão.

Cada território tem pelo menos dois recursos básicos. Por um lado, a população, como mão-de-obra, como cidadãos, como usuários do território, mas essencialmente como actores da vida do território, de todo o seu passado, seu presente e seu desenvolvimento. E com a população há todo um património que é um capital global associado às riquezas naturais e culturais, materiais e imateriais do território. Um património pertence à população, actores naquilo que pretendemos fazer com o património.

Depois, é importante fazermos um diagnóstico, que pressupõe um levantamento participativo. Um inventário do património tem de ser participativo, como nos casos já realizados no Brasil, na zona do Porto Alegre, onde as Prefeituras organizaram o levantamento sistemático do património com a colaboração da população.

A partir do diagnóstico deve ser montada uma estratégia para conceber um modo de utilizar o desenvolvimento para o património. Existem poucos exemplos onde o património é considerado como uma das bases do desenvolvimento. Conheço três exemplos:

— Um no museu do qual fui um dos fundadores, nos anos 70, o *Ecomuseu de Creusot-Montceau*, em França. Foi um museu de território nos anos 70, mas hoje em dia é mais um museu polinucleado, de tipo clássico, pois tem menos relação com o desenvolvimento da comunidade urbana. Inicialmente este museu chamava-se “Museu do Homem e da Indústria”. Tinha como objectivo central facilitar a criação de um território, uma comunidade urbana, constituída por 16 municípios, que abrangiam uma área de 500 Km<sup>2</sup>;

— O segundo exemplo, *El Maestrazgo*, está situado em Espanha, na região de Aragão. Não tem o título de museu, mas é um tipo de projecto que pode ser aplicado no Douro. Está situado numa zona importante, de cerca de 800 km<sup>2</sup>, na província de Teruel. Este projecto baseia-se na criação de um território novo, uma comarca nova com características patrimoniais, culturais e naturais importantes, e na mobilização das pequenas comunidades. É um projecto polinucleado, constituído por dezenas de pequenos municípios, que utiliza sistematicamente o património como um incentivo ao desenvolvimento;

— O terceiro exemplo chega-nos do Brasil, do estado do Rio Grande do Sul. Chama-se a *Quarta Colónia*. Trata-se de uma antiga colónia italiana, do século XIX, composta por nove municípios onde existe um processo de desenvolvimento baseado no património cultural e histórico desta comunidade. Exemplo disso é a língua, o dialecto veneto, trazido pelos colonos no século XIX, e o património natural constituído pela Mata Atlântica, a floresta original, uma riqueza biológica, importante para o mundo inteiro. Este caso também não é um museu. Inicialmente, o promotor do projecto da Quarta Colónia falou de um Ecomuseu e depois decidiu chamar *Projecto Identidade*. Hoje em dia é um projecto muito importante, apoiado pelo Banco Mundial com acções e projectos relevantes no campo da agricultura e da utilização das riquezas paleontológicas.

Tendo o diagnóstico, devemos desenvolver um plano de investimento no património. Aqui devemos ter em conta o conceito *educação patrimonial*. Este não se limita à educação formal das escolas. Deve ser uma educação global, que tenha

por objectivo mudar a atitude da população sobre o seu património. Esta é uma necessidade política. Nos museus tradicionais os departamentos de acção cultural habitualmente correspondem a modelos culturais da alta cultura ou a modelos científicos de análise das várias disciplinas científicas, enquanto para o desenvolvimento do território precisamos de mobilizar toda a população.

Neste tipo de território 90% da população não tem consciência da sua responsabilidade relativamente ao património. A educação patrimonial pretende dar ao cidadão normal uma consciência clara e real da sua herança. Dar a conhecer o património na sua globalidade e não só os monumentos tombados, não só as coisas evidentes, mas todas as coisas que fazem o património, como o Senhor Governador Civil mencionou anteriormente. Tudo isto tem de ser visto pela população como um capital.

Compreender e aceitar a responsabilidade, capacitar os cidadãos, é um problema de formação. A educação patrimonial, no sentido mais ou menos técnico, a que os canadianos chamam *museologia popular*, deve transmitir conhecimentos que permitam intervir na conservação, na manutenção e evolução do património. O património numa região como o Douro não é um património tombado, não está fechado num museu, é um património que tem de ser transformado, porque património é vida. Ao favorecermos a educação patrimonial, podemos favorecer a emergência de iniciativas privadas e colectivas que utilizam o património como matéria-prima.

A educação patrimonial é algo em que o museu deve concentrar os seus esforços, diversificando métodos; não há modelos. No Brasil já existem guias de educação patrimonial, mas na Europa não sei.

O museu de território como instrumento central para o desenvolvimento tem alguns eixos: como se diz na nova museologia, este tipo de museu não tem edifício, não tem colecção, não tem um público, tem um território, uma comunidade como actor e o património global como acervo. Acho que cada um de vocês sabe o que é a nova museologia. E o Museu do Douro faz parte do movimento geral que é a nova museologia.

Depois de um dia e meio de visita ao território não posso dar conselhos, posso apenas levantar algumas questões. Penso que o museu tem de se organizar como um centro de recursos, de documentação, constituindo um banco de dados, porque

.....

acho que o território não existe do ponto de vista administrativo e político, tem uma diversidade de infra-territórios. Um território como o Douro e outros exemplos como os que falei no Brasil e na França, precisa de uma, não falemos centralização, porque se trata de uma rede, mas de uma central de dados. Não estamos a falar de um centro único pois com as novas tecnologias de comunicação haverá a possibilidade de cada pólo do território aceder a esta rede de saberes, de pessoas, de instituições, de líderes das comunidades, de conhecimentos técnicos e científicos, uma rede de cooperadores, pessoas que podem de vez em quando dar apoio, assistência a um museu. Poderá ser uma rede de pessoas dentro e fora do território, podendo socorrer-se das instalações de universidades e dos seus meios, de associações, de grupos temáticos, etc.

Desta forma há disponibilidade de competências técnicas, uma vez que cada elemento da rede, seja museu, grupo, aldeia ou vila, não pode ter todas as competências para agir sobre o património. O Museu do Douro pode ser um ponto de referência para estas competências técnicas no domínio da museologia.

E claro, deve haver uma biblioteca e arquivos especializados. Na Covilhã o Museu de Lanifícios organizou a classificação e conservação, na teoria, da quase totalidade dos arquivos da indústria têxtil, é um exemplo interessante que foi organizado num museu de território.

Nos exemplos que conheço de museus de território, ou museus empenhados no desenvolvimento local, a formação é um factor importante e o museu é o espaço ideal para a formação dos actores do desenvolvimento. Ideal, porquê? O museu tem os espaços, salas, documentação e dados, tem a rede de competências, pode organizar planos de formação. A educação patrimonial é uma vocação do museu de território, mas também a museologia popular, pois a educação patrimonial visa a formação e sensibilização dos actores para uma ideologia do desenvolvimento. Este é, mais uma vez, um problema de rede. Temos de ter uma rede de pessoas físicas, autarcas claro, mas também líderes comunitários, pessoas responsáveis por associações, grupos, guias turísticos, animadores, também donas de casa, etc. Nas experiências de desenvolvimento local em todo o mundo, as mulheres, inclusive as mulheres menos escolarizadas, têm um papel importante. Elas são responsáveis pela transmissão não só das tradições e da memória, mas também de princípios, valores, etc. Habitualmente não têm consciência dessa responsabili-

dade cultural. Mas cada mulher é um museu, é um museu vivo, um museu activo, responsável pela cultura viva de uma população, mais que os homens. A experiência da *Associação In Loco* na serra do Caldeirão, no Algarve, mostra que é possível realizar um processo de desenvolvimento com a formação das mulheres, formação/iniciativa, formação/gestão, a educação dos miúdos, etc.

E, finalmente, o museu pode ser um lugar com importância económica, apoiando os promotores de iniciativas culturais ou económicas, pode ser um ninho de empresas. Um dos primeiros ecomuseus da Noruega (Ecomuseu de Toten), nos anos 80, adquiriu uma antiga fábrica de leite Nestlé e transformou-a num ninho de empresas para jovens empresários da região.

Terceiro pólo de dinamização, depois da educação patrimonial, depois do centro de recursos, depois da formação, o museu territorial tem uma estratégia de desenvolvimento, tem de ocupar um papel de dinamização. Dinamização como? Em primeiro lugar, existem muitos museus (e não só museus, como nos casos da Quarta Colónia, do Maestrazgo), centros de interpretação, grupos locais, associações, sítios, objectos de relevância, etc., e todos fazem parte de uma rede virtual, real, de dinamizadores.

Penso que nesta região existem grandes possibilidades no campo do turismo pedestre, uma tendência de toda a Europa do Norte. Fui sócio de uma associação de caminheiros. É uma possibilidade para um turismo inteligente que apresenta vantagens em relação ao turismo de massas. Os caminhos pedestres têm imensas possibilidades neste território, permitindo campanhas de valorização, vistas do ponto de vista de um ordenamento mais ou menos tecnocrático do território.

Aqui temos também de considerar a capacidade das comunidades de pensar a valorização do seu quadro de vida, das suas aldeias. Há uma arquitectura rural com grande importância histórica que deve ser valorizada, pois o desenvolvimento das aldeias inclui necessariamente a utilização dos edifícios disponíveis. É preciso criar uma imagem não só para acolher turistas, mas também para preparar o futuro das gerações mais jovens, preparar os próximos cinquenta anos.

Na minha região, Borgonha, hoje em dia existe uma tendência para recuperar casas para oferecer alojamento moderno para jovens casais, jovens trabalhadores nas zonas rurais, numa paisagem de aldeias que estava abandonada e apenas dedicada ao turismo. Não havia alojamento para os jovens que queriam perma-

necer e viver perto da família. O problema da arquitectura rural não é só de estética, de património cultural, mas um problema concreto de transformação para o desenvolvimento.

Finalmente, penso que um museu de território pode ter um papel de empreendedorismo, como uma empresa no sentido moderno, uma empresa de carácter comunitário, tipo cooperativa social no sentido italiano, oferecendo um quadro técnico e uma fonte de financiamento para a criação no território de iniciativas, que também podem ser do próprio museu, como motor de iniciativas locais, individuais ou colectivas.

Estas são uma série de ideias, de possibilidades para provocar a reflexão. Mas penso numa visão a longo prazo. São ideias que podem ser utilizadas num prazo de dez, vinte, trinta anos. Este tipo de museu é um processo a longo prazo e sustentável.